



## O exotismo presente na série Jornada nas Estrelas

### *The exoticism present in the Star Trek series*

Thiago Siqueira dos Reis da SILVA

Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
[thiagosiqueira@ufrj.br](mailto:thiagosiqueira@ufrj.br)

Walmir Thomazi CARDOSO

Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
[wcardoso@hcte.ufrj.br](mailto:wcardoso@hcte.ufrj.br)

**Abstract.** *Television series are very influential artistic expressions in society, as families began to assimilate broadcasts as part of their daily lives. In the mid-20th century during the Cold War and racial segregation in the United States, showrunner Gene Roddenberry created a science fiction series called Star Trek. In addition to technological concepts ahead of its time, social relations not yet understood by its spectators are presented in this work. In this context, two characters stand out, Lieutenant Nyota Uhura, a black woman of African descent, and Chief Engineer Geordi La Forge, a blind black man. The series includes in its notion of normality groups marginalized by society, contrasting with the concept of exotic assimilated by the spectators.*

**Keywords:** *Television. Exoticism. Inclusion. Star Trek.*

**Resumo.** As séries de televisão são produções dos meios de comunicação bastante influentes na sociedade. Desde as novelas de rádio, como a versão do clássico Guerra dos Mundos de H.G. Wells a ficção científica ganhou lugar de destaque. Na metade do século XX, durante um contexto de Guerra Fria e segregação racial nos Estados Unidos, o produtor Gene Roddenberry criou uma série de ficção científica intitulada Star Trek. Nesta obra, além do habitual cenário tecnológico à frente do seu tempo, são apresentados papéis sociais pouco comuns ao espectador médio. Destacam-se, nesse contexto, dois personagens, a tenente Nyota Uhura, mulher negra afrodescendente, e o engenheiro-chefe Geordi La Forge, um homem negro cego. A



série inclui em sua noção de normalidade grupos marginalizados pela sociedade, criando uma dubiedade no que podemos considerar como exótico para a época.

**Palavras-chave:** Televisão. Exotismo. Inclusão. Star Trek.

Recebido: 10/03/2023 Aceito: 25/04/2023 Publicado: 20/12/2023

DOI:10.51919/revista\_sh.v1i0.403

## 1. Introdução

### 1.1. A arte como interpretação da sociedade

A arte e a sociedade podem, em muitos casos, se apresentar como um par coordenado em relação às formas como uma interfere no desenvolvimento da outra. Interpretando uma das múltiplas facetas da arte como imagem construída da realidade ou de uma realidade específica, pode-se sugerir que ela auxiliará o artista ou autor de uma obra a ler e representar o mundo, bem como expressá-lo de acordo com sua percepção pessoal. A realidade, nesse caso, passa a ser uma expressão do artista e, por isso mesmo, ela não guarda relação com uma noção absoluta ou naturalizada do que vem a ser a realidade. Ambas são construídas pela mediação do artista que também está inserido num contexto social. Em outras palavras, aquele que produz a arte ocupa um espaço-tempo determinado e sua produção é resultado de diferentes níveis de complexidade às quais ele está sujeito. Para Gombrich (1999, p. 6) “[...] uma imagem, nesse sentido biológico, não é a imitação da forma exterior de um objeto, mas a imitação de determinados aspectos privilegiados e relevantes.” Analisando o desenvolvimento histórico de distintas sociedades podemos verificar a presença de expressões artísticas que correspondem aos momentos contextuais nos quais foram geradas. Em uma medida aparentemente proporcional, o caminho inverso a essa tendência pode ser observado, visto que as obras podem também criar projeções, sejam utópicas, distópicas ou aparentemente realísticas, acerca dos contextos nas quais estão inseridas. Nesse caminho, a arte torna-se também instrumento de inspiração de seus artistas e dos seguintes, de maneira que molda novos parâmetros que a própria sociedade utiliza na construção artística.

Se chegarmos um pouco mais perto de compreender como essa harmonia pode ser útil aos que estão sintonizados com esse tipo particular de equilíbrio, enquanto metáfora do “bom” em todas as suas formas convergentes, também aprendemos que grande parte dessa resposta depende de fatores que estão além de algum controle fácil. Ela é regulada a partir do controle de nosso ser; está intimamente associada ao grau de nossa maturidade emocional e ao nível de nossa cultura. (GOMBRICH, 1999, p. 28)

Emergindo desse espectro de expressões artísticas, as produções audiovisuais ganharam bastante espaço nas últimas décadas, tornando-se extremamente relevantes na reflexão dos recortes históricos estabelecidos por elas. Tais recortes podem ser expressões de subjetividades sobre os olhares que os autores e participantes do desenvolvimento artístico possuem em relação à realidade observada e representada. Segundo Pereira (2017, p. 23) "[...] mesmo que de maneira involuntária é possível transmitir visões de mundo distintas, de períodos históricos distintos, a partir da interpretação da realidade representada naquilo que se produz, [...]". Portanto percebe-se que o desenvolvimento de uma produção artística pode representar aspectos oriundos de possíveis visões e interpretações da realidade.

A possibilidade da metáfora decorre da infinita elasticidade da mente humana; atesta sua capacidade de perceber e assimilar que experiências novas são modificações de outras mais antigas, a aptidão de descobrir equivalências nos fenômenos mais disparatados e de substituir um por outro qualquer. Sem esse processo constante de substituição, não seriam possíveis a linguagem, nem a arte, nem mesmo a vida civilizada. Os psicanalistas nos familiarizaram com o longo alcance da substituição, que capacita o homem a encontrar satisfação em objetivos bastante distanciados de suas necessidades biológicas originais. (GOMBRICH, 1999, p. 14)

A compreensão de como o retrato histórico é interpretado pela própria sociedade inserida nele pode advir de uma observação um pouco mais atenta sobre as obras contemporâneas a estes recortes. Os próprios objetos de representações das produções audiovisuais interpelam a necessidade de desenvolvimento das técnicas de adaptação e da linguagem utilizada no processo. Dessa forma compreendemos que a história do cinema e da televisão seguiu trilhas particulares de acordo com a realidade inferida como ambiente de representação.

A televisão, por sua vez, criada nos anos 1930, possibilitava, assim como o Cinema, a utilização, pelos produtores das mensagens, do som aliado à imagem, conquanto esse novo Veículo de Comunicação tivesse a capacidade de atender ao público, sem que esse precisasse ao menos sair de casa, o que iria alterar sobremaneira os hábitos e costumes, notadamente na Classe Média. As famílias foram abandonando o hábito de sair de casa para procurar diversão. Aos poucos, as visitas à casa dos parentes e dos amigos, os passeios à praça, ao cinema, ao teatro foram substituídos pela audiência à Televisão. As cadeiras que antes ficavam nas calçadas em círculos ou semicírculos, servindo de ponto de encontro entre os vizinhos passavam a ficar postadas em frente à televisão, cuja programação define as pausas para a conversa durante os intervalos comerciais. (ZACARIAS, 2005, p. 25)

Nesse âmbito, o alvorecer da televisão trouxe a possibilidade de tais estruturas serem mais incorporadas no cotidiano dos indivíduos. Obras televisivas passam a receber um acesso mais imediato e direto por parte dos espectadores. Sendo assim, a sensibilidade social sobre as obras artísticas tal como sua recíproca, passam a ser mais enfáticas e relevantes à medida que este contato se torna mais frequente. Devido a isto, os seriados de TV sobrevieram recebendo grandes influências e influenciando o cotidiano social através da cultura de massa.

## 1.2. Jornadas ao futuro

O gênero “ficção científica” se origina com o alvorecer de uma imaginação do diferente, do futuro e de uma perspectiva mais utópica de mundo. Obras como *Frankenstein* (1818) de Mary Shelley e *A Máquina do Tempo* *The Time Machine* (1895) de H. G. Wells, assim como *20.000 Léguas Submarinas* (1870) e *Viagem ao Centro da Terra* (1864), de Júlio Verne, são consideradas por muitos autores pioneiros do gênero na modernidade. Essas obras possuem interpretações distintas do que seria a ciência produzida em sua época e utilizam da ficção para criar possibilidades de futuro baseadas na realidade. Sendo assim, tais interpretações de mundo podem ser vistas como expressões de uma visão política da sociedade, trazendo alternativas e possíveis soluções para o que é experimentado nos momentos em que são concebidas.

O gênero de Ficção Científica é popularmente considerado como aquele que imagina o diferente, o futuro, por isso, há quem diga que possui afinidades com a teoria Marxista e seus conceitos - principalmente os que se relacionam ao estudo da utopia e das alternativas sociais para um futuro diferente do status quo. (PIACENTINI, 2011, p. 13)

Com a popularização da televisão em território estadunidense, obras do gênero foram naturalmente criadas e adaptadas para o novo meio de comunicação. Os recursos audiovisuais permitiram então novas formas de apresentação dos mundos utópicos idealizados pela ficção científica. Surgem então na década de 60, séries de TV como a própria adaptação de *A Máquina do Tempo*, *The Time Machine* (1960), *Perdidos no Espaço - Lost in Space* (1965) e *Jornada nas estrelas Star Trek* (1966).

A série televisiva *Star Trek* (no Brasil, *Jornada nas estrelas*) foi criada por Gene Roddenberry e tornou-se uma das franquias mais bem sucedidas e influentes da história, tendo sido prolongada até os dias atuais e recebendo notoriedade também em outros suportes como cinema e histórias em quadrinhos. Segundo Pereira (2017, p. 22) “[...] a arte sequencial não se trata somente de histórias em quadrinhos, como costumeiramente é associada, devido a atribuição dada a partir da década de 80, mas também engloba os meios da animação, cinematográfico e televisivo [...]”. A obra original teve sua estreia em setembro de 1966 na emissora de TV norte-americana NBC, com o episódio intitulado *Where no Man Has Gone Before*. As primeiras histórias acompanhavam a odisseia da distinta tripulação da nave estelar de exploração conhecida como *Enterprise*. Os acontecimentos narrados se passam no longínquo século XXIII, observa-se que os roteiros dos episódios aparentam situar os personagens em um contexto social particularmente diverso em relação à realidade na qual a obra foi desenvolvida. Apresentando esse contraste, *Jornada nas estrelas* foi, rapidamente, bem recebida por parte dos espectadores.

*Star Trek* tornou-se cultuada graças à abordagem humanista que fez de temas essenciais e à crença iluminista na ciência, na tecnologia e na democracia. A odisseia da *Enterprise* por galáxias desconhecidas pode ser vista como uma metáfora da aventura humana ao longo

dos séculos no nosso próprio planeta, principalmente na era das grandes navegações e de descobrimentos de novos mundos, povos e culturas. E essa aventura traz os mais nobres ideais da modernidade, como a luta pela democracia contra a tirania e do conhecimento científico contra a intolerância e os fanatismos religiosos. (GOMES, 2012, p. 7)

Dentro da temática futurista do conceito de ficção científica apresentado na série, torna-se necessário por parte dos autores a construção de uma estrutura social que possivelmente se adeque ao momento histórico apresentado ou desejado. A partir dessa perspectiva, uma série de elementos narrativos são construídos para dar ambientação às projeções tecnológicas, linguísticas e humanísticas que vão surgindo no contexto de uma organização nomeada federação unida dos planetas. Para Yuan (2017, p 25) "[...] é uma perfeita representação idealizada do que para nós é hoje a Organização das Nações Unidas, que foi criada após a Segunda Guerra [...]". Podemos observar que mesmo a construção de uma narrativa futura é fundamentada na percepção do contexto atual do autor. Dessa maneira é observável que os elementos variáveis em função da realidade podem ser idealizações de uma visão particular do momento. A ONU da época em que foi produzida a série é bem diferente desse organismo nos tempos atuais.

## 2. Resultados e Discussão

### 2.1. As construções do exótico

Com as narrativas construídas, o seriado Jornada nas estrelas passa a apresentar conceitos de normalidade e exotismo que se norteiam em uma projeção futurista baseada em uma percepção do período histórico em que os episódios foram escritos e produzidos. Observa-se que os principais personagens apresentam uma diversidade ainda utópica para o período em que foram desenvolvidos. Segundo Rosa (2018, p. 2) "A representação social é essencial para que seja feita a análise de como certos grupos são preteridos ou evidenciados na mídia, especificamente no cinema e na televisão". Sabendo que Jornada nas Estrelas teve seu início em um contexto de guerra fria, podemos observar como certos grupos étnicos são inseridos na categoria da normalidade no tempo da ação, contrapondo a forma como os mesmos eram vistos no momento real em que foram criados. Assim encontramos um descendente de asiáticos, uma mulher afro-americana e um russo aos demais integrantes da tripulação principal da nave (Figura 1).



**Figura 1** – Primeira tripulação da USS Enterprise

Fonte: Imaginário! N. 3. Paraíba, dezembro de 2012. Disponível em: <<http://www.memorialhqpb.org/ebooks/imaginario-01-05/imaginario-3.pdf>>.

O termo “exotismo” nesse trabalho, se constitui a partir da tradição estabelecida ao longo da História ocidental, em especial desde o século XVI quando os colonizadores europeus passaram a representar o “outro” a partir de suas concepções etnocêntricas. Essa construção de alteridade se constitui segundo Mason (1998), através da descontextualização dos objetos para uma nova atribuição de significados. A reordenação de conceitos e suas representações permite outra organização conceitual que, não raras vezes, atribui valores e qualidades hierarquizadas e vieses algumas vezes antagônicos em relação à cultura que está sendo representada. O mesmo conceito está sendo aplicado aqui às diferentes culturas presentes numa obra televisiva de ficção científica. Mesmo que o exótico da realidade contemporânea se apresentasse como ordinário ou normal dentro do contexto da obra, há ainda a representação do “outro” dentro dos aspectos fictícios criados pela própria narrativa. Parte dos personagens fictícios da série foram criados para se oporem aos princípios da chamada “federação”, como uma representação das diferentes correntes ideológicas e/ou políticas que se contrapunham à política externa norte-americana da época.

A guerra civil no Vietnã do Sul (1961 – 1975) foi fortemente marcada pela intervenção norte-americana, que tencionava impedir a expansão comunista no oriente. No norte do Vietnã havia se estabelecido uma aliança que queria o fim do controle estrangeiro, vindo a lutar de 1946 a 1954 pela independência em relação a França e a ocupação japonesa. Após o Norte conquistar uma breve vitória, os EUA intervêm em 1961 apoiando a política do Vietnã do Sul. Seu medo era o fantasma de uma crescente expansão comunista, que poderia ser desencadeada após uma vitória definitiva do Norte. (PEREIRA, 2017, p. 26)

Na série de TV o espectador é apresentado a um conceito de “federação unida dos planetas” um corpo governamental ficcional criado para ambientar politicamente os objetivos e interesses ideológicos de uma parte dos “povos” da Galáxia e de outras galáxias também. A federação promove a união de planetas distintos a fim de que haja uma cooperação entre eles, compartilhando filosofias, valores e uma ideologia. Por mais que os planetas-membros deste corpo sejam apresentados pelos roteiristas com distinções significativas de dialetos, anatomia, organização social, religião e estilo de vida, tais povos parecem compartilhar valores. Ainda

assim há espécies alienígenas, como os Klingons, que se opõem à maneira de integração desse sistema interplanetário. Eles seriam apenas alguns daqueles povos que representariam o lado mais obscuro e perigoso da ideologia oposta da Federação. Aquela que, supostamente, era a única democrática e voltada para o bem comum.

Portanto, por mais que a presença de comunhão sob uma diversidade terráquea seja apresentada, dentro da ficção, como um anseio ao que possa vir a ser o futuro, há ainda a associação de aspectos referentes a povos e nações que se opõem ao modo de vida norte-americano. Ou seja, o medo do desconhecido ou de um suposto conhecimento que se opõe ao modo de vida e ideologia defendida pelos EUA de então. Além da construção e apresentação de todo um povo que não se adequa aos valores oferecidos ou impostos pela federação unida dos planetas, eles também são representados como figuras necessariamente malignas e perversas dentro das narrativas da obra televisiva. De certa forma há então uma interpretação de que o “outro”, o estrangeiro, venha sempre a ser, de alguma maneira, um alienígena perigoso. Mesmo que os personagens consigam coexistir perante a diversidade cultural, há ainda uma influência na forma como os então vilões foram construídos. Como Jornada nas estrelas estendeu-se com o passar das últimas décadas, esse conceito de “alienígena” se transformou, à medida em que a mídia e o espectador passaram a compreender a importância de ressignificar conceitos como alteridade e diversidade cultural. Essas construções também passaram a ser usadas nos arcos dos personagens ao longo das novas versões da série.

## 2.2. Contexto étnico-racial

Apesar de ser classificada como uma série de ficção científica, a original Star Trek de 1966 abordou, na maioria de seus episódios, conceitos políticos e sociais que confrontavam a estrutura sistemática da época. E tudo ocorria tendo por panorama de fundo novos mundos e civilizações. Dentro desse conceito de um possível futuro, alguns personagens chamaram mais a atenção do espectador devido ao fato de estarem inseridos em um contexto de exotismo na realidade temporal em que foram apresentados. Poderíamos escolher vários desses personagens, mas selecionamos uma em especial: a Tenente Nyota Uhura (Figura 2), interpretada pela atriz Nichelle Nichols. Uhura era uma oficial da nave estelar Enterprise. Mulher, negra e africana, presente na maior parte das mais relevantes narrativas da série. Esse espaço foi considerado um avanço em um momento bastante específico da história norte-americana. Para Monteiro e Matsuzawa (2016, p. 2) “[...] a presença da personagem de Nichelle representou um avanço nas relações sociais e culturais, sobretudo, em um país de *apartheid* evidente.”



**Figura 3** – Nichelle Nichols interpretando Nyota Uhura

Fonte: Portal Uol. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/cultura/2022/08/15054769-tenente-uhura-de-star-trek-morre-aos-89-anos-relembre-trajetoria-de-nichelle-nichols.html>>.

Toda a construção da personagem de Nichelle Nichols possui a intenção de trazer uma representatividade mais inédita nas obras televisivas norte-americanas. Por mais que outros personagens negros estivessem sendo apresentados e obtendo sucesso nos anos 60, o ineditismo de Uhura está no fato de que, diferente desses outros casos, a personagem não era abordada dentro dos estereótipos comuns de outras obras.

As produções mostravam que o lugar do negro na sociedade americana era daqueles que deveriam estar a disposição para servir, seja como condutor de taxi, entregador de jornais e revistas, empregados do lar, bem como trabalho pesado na construção civil. A partir de 1960, através dos Movimentos dos Direitos Civis (Civil Rights Movement) e, conseqüentemente com a mudança no quadro político social, algumas mudanças ocorreram no âmbito televisivo. Os idealizadores buscavam experimentar um enredo onde se pudessem contracenar personagens brancos e negros como forma de testar os níveis de audiência, já que a população branca detinha a maior audiência. (FILHO, 2012, p. 45)

Com as lutas pelos direitos civis dos negros se intensificando, os personagens começaram a ganhar mais espaço nas produções televisivas. Utilizando a relativa liberdade poética da ficção científica, Nichelle passa então a representar uma figura que traz consigo todo um contexto étnico e cultural para o futuro apresentado na obra. Segundo Monteiro e Matsuzawa (2016) até mesmo o nome da oficial foi construído com um propósito de contextualizá-la ainda mais. Originado no Suaíli, uma das línguas derivadas do Banto, falada na Tanzânia, Quênia e Uganda, *Uhuru* significa liberdade, enquanto *Nyota* significa estrela. Considerando que a personagem foi apresentada nas telas em um momento historicamente marcante no século XX da luta dos negros pelos direitos civis, o seu destaque representa uma pretensão de um futuro mais igualitário e pacifista. Importante ressaltar que outras personagens negras já tinham sido apresentadas em obras do áudio visual, mas no contexto de Jornada nas Estrelas, Uhura possuía uma posição de comando e protagonismo, o que era visto como uma novidade pelo espectador. Essa posição serviu de inspiração para outras atrizes que sucederam o trabalho de Nichols



[...] podemos destacar relatos sobre a força da personagem Uhura sobre o público: a atriz americana Whoopi Goldberg descreve em entrevista que quando criança, viu a personagem na televisão e correu para contar para a família: Acabei de ver uma mulher negra na televisão e ela não é uma empregada! (MONTEIRO e MATSUZAWA, 2016, p. 9)

Dentro de todo esse contexto a personagem foi rapidamente ganhando relevância e reconhecimento por personalidades negras que lutavam contra as barreiras impostas pela estrutura racista da sociedade. Dentre os diversos ícones e representantes do alvorecer da luta racial norte-americana destacam-se duas importantes figuras que tornaram pública sua admiração pela personagem de Nichelle: a ex-astronauta Mae Jemison e o ativista Martin Luther King. Este último, inclusive, foi figura importante em um momento de dúvida da atriz, pois quando ela estava prestes a desistir da personagem ao final da primeira temporada recebeu uma mensagem de encorajamento de Luther King. Segundo ele, era essencial a presença dela no papel para dar prosseguimento ao que foi construído com a personagem. (MONTEIRO; MATSUZAWA, 2016)

[...] o racismo – que se materializa como discriminação racial – é definido por seu caráter *sistêmico*. Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um *processo* em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. O racismo articula-se com a *segregação racial*, ou seja, a *divisão espacial de raças* em localidades específicas – bairros, guetos, bantustões, periferias etc. (ALMEIDA, 2019, p. 12)

Considerando a tenente Uhura uma personalidade negra ocupando espaços semelhantes aos brancos no contexto da série, compreende-se então que há um contraste entre a obra e a realidade contemporânea. Sendo assim, por mais que outros personagens possam se adequar às características de outras obras de sua época, Star Trek fomenta uma reflexão sobre a possibilidade de um ambiente minimamente discriminatório.

### 2.3. Contexto antipacifista

Devido a longevidade da série, novas temporadas passaram a abordar diferentes conceitos políticos, sociais e tecnológicos na medida em que evoluindo-se transformavam os contextos culturais. Sendo assim a apresentação da figura do exótico passa a transmutar-se juntamente com a percepção que os roteiristas possuem do “outro”. Após a personagem de Nichelle Nichols, outros negros importantes começaram a aparecer nas décadas seguintes. Em uma mesma temporada surgem a amiga do capitão Picard, Guinan, interpretada pela consagrada atriz Whoopi Goldberg, e o engenheiro-chefe Geordi La Forge (Figura 3). Este último apresenta, além das questões raciais, um contexto antipacifista consideravelmente diferenciado para a época em que foi apresentado.



**Figura 3** – LeVar Burton interpretando Geordi La Forge

Fonte: ScreenRant. Disponível em: < <https://screenrant.com/geordi-la-forge-star-trek-next-generation-trivia-facts/>>.

Interpretado pelo ator norte-americano LeVar Burton, La Forge é cego de nascença e sua condição não pode ser resolvida através de técnicas medicinais, pois acarretaria sequelas prejudiciais a sua vida. O engenheiro-chefe é apresentado na série derivada, conhecida como Jornada nas estrelas: a nova geração (Star Trek: Next Generation), como um dos protagonistas da ponte de comando de uma USS Enterprise repaginada. Nesta nova odisséia, iniciada no fim dos anos 80, novas linguagens tecnológicas são inseridas, acompanhando uma geração que estaria sendo apresentada a obras como Guerra nas Estrelas, *Star Wars* e De volta para o futuro, *Back to the future*, dando ainda mais visibilidade à ficção científica e à fantasia.

Por conta de sua cegueira, Geordi La Forge utiliza um equipamento chamado “Visor” que lhe proporciona capacidades visuais superiores as de um ser humano comum, pois ele consegue enxergar os espectros ultravioleta e infravermelho. Com isso a condição do personagem de Burton é muitas das vezes apresentada como uma vantagem para a tripulação, lhe permitindo resolver questões que só ele é capaz.

Quando questionado sobre sua condição, se ressentido de ser cego e ter que fazer uso do VISOR, sua resposta é: “não, já que ambos são parte de mim e realmente gosto do que sou, não me ressinto de nenhum deles” (ZAMBRANO, 1989). Quando lhe é oferecida a possibilidade de interceder cirurgicamente, ele a recusa, voltando a ela apenas após uma década. (ROSA, 2018, p. 6)

Assim apresentado e abordado, esse personagem mostra que sua condição contribui para sua própria existência como um ser particular, trazendo uma ideia de diversidade social representada também pelas Pessoas com Deficiência (PCDs) Com isso compreende-se que tais indivíduos podem contribuir com suas próprias construções da realidade à medida em que criam linguagens e línguas próprias para si, não havendo necessidade ou obrigação de assimilar uma realidade hegemonicamente imposta.

No início do ano de 2022, uma nova série derivada de Star Trek foi apresentada ao público, tendo como subtítulo Estranhos novos mundos, *Strange New Worlds*. A nova obra propõe contar as origens da primeira tripulação da Enterprise, portanto suas histórias se passam antes da série

original. Nesse novo contexto mais um personagem cego foi apresentado. Hammer, interpretado por Bruce Horak, ator cego, pertence a um povo que apesar de não possuir a visão, tem seus sentidos como tato e audição tão apurados que os tornam mais sensíveis que os demais. Diferente de La Forge, Hammer não utiliza nenhum tipo de acessório que equipare sua condição às capacidades comuns dos outros tripulantes. Sendo uma obra mais atual, a condição do personagem de Horak é apresentada como parte da pluralidade étnica da frota estelar, sendo crucial e fundamental para o funcionamento do coletivo.

### 3. Conclusão

Desde o início de sua concepção a série Jornada nas estrelas é vista como uma das precursoras da inserção de diversos conceitos relacionados à cultura, tecnologia e sociedade. Podemos ver que ao longo dos anos figuras consideradas exóticas pelo espectador passam a ser inseridas como ordinárias ou comuns, na obra televisiva. O que representam essas inserções? Elas respondem ao desejo de uma sociedade inclusiva e plural ou a uma demanda do mercado audiovisual e da cultura dos *soup-operas* norte-americanos. Acreditamos que esse texto tem a função de levantar esses temas, mais do que responder adequadamente essas perguntas.

A inserção dos personagens e da diversidade que eles representam pode ser vista como um aceno à inclusão de personagens dentro da diversidade humana, imagem de quem acompanha e consome esse tipo de produto. A obra de Roddenberry pode ter se beneficiado da televisão que surgiu historicamente como um instrumento que promoveu influências mais aceleradas no cotidiano das famílias americanas (para falar pouco) desde a década de 1960. A popularidade de Jornada nas estrelas, pode ter alimentado o desejo de se ver na tela a diversidade menos comum nas séries televisivas da década de 1960. A obra de Roddenberry se valeu disso para o crescimento de sua popularidade.

A inclusão de personagens de etnias diferentes e PCDs equalizados com os demais em níveis de importância e relevância na série, em momentos onde tais grupos sociais eram ainda eram, em grande parte, desconhecidos pelo espectador, revela um marco importante para obras de ficção científica. Além de promover e estimular o desejo de futuros produtos tecnológicos como outras obras de antecipação, os roteiristas de Jornada nas Estrelas preocuparam-se, e aparentemente ainda têm a preocupação, de demonstrar possíveis contextos socioculturais alinhados com uma concepção inclusiva. Nesses projetos surgem personagens marcantes, como Uhura e La Forge que, além de cumprirem um papel de incluir grupos marginalizados pela sociedade demonstram também a necessidade de representatividade, pensada em sentido amplo. .

Diante de um panorama internacional de fundo, em que uma nova versão da guerra fria parece se consolidar a cada dia nesse início do século XXI, resta saber o que a ficção científica e as novas percepções acerca da dicotomia exótico e ordinário, nos reservam nos roteiros forjados sob

influência da indústria cultural e dos soup-operas que continuarão a invadir telonas e telinhas. A jornada parece realmente estar no início e precisa ser audaciosa para ir onde nenhum ser humano jamais esteve.

## Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

FIGUEIREDO, Sérgio Oliveira. " **O cinema e a história**": a utilização do cinema no processo de ensino-aprendizagem da história contemporânea. 2018. Tese de Doutorado.

GOMBRICH, Ernst Hans. **Meditações sobre um cavaleiro de pau**. Edusp, 1999.

GOMES, Marcelo Bolshaw et al. **A máquina, a imagem e a primeira diretriz (da Frota Estelar): três temas do universo de ficção científica "Star Trek"**. p. 5. 2012.

MASON, Peter. 1998. **Infelicities: Representations of the exotic**. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press.

MONTEIRO, Mauricio; MATSUZAWA, Ricardo Tsutomu. **Star Trek: Raça e Gênero Uma canção para Tenente Nyota Uhura em 1961**.

PEREIRA, Yuan Veiga. **A fronteira final: Guerra Fria e movimentos pacifistas refletidos em Jornada nas Estrelas**. Diálogo, n. 34, p. 21-30, 2017.

PEREIRA, Yuan Veiga; MACHADO, Renato Ferreira. **ONDE NENHUM HOMEM JAMAIS ESTEVE: DIVERSIDADE ÉTNICA E CULTURAL EM JORNADA NAS ESTRELAS**. SEFIC 2016, 2017.

PEREIRA, Yuan Veiga. **Guerra Fria e Intervencionismo norte americano: uma análise histórica e social a partir de Jornada nas Estrelas**. 2017.

PEREIRA FILHO, Plínio et al. **O lugar do negro na sociedade americana (USA): vontades de verdade do programa humorístico Everybody hate Chris**. 2012.

PIACENTINI, Gustavo. **Reificação na ficção científica norte-americana dos anos 60: uma análise do foco narrativo de Do Androids dream of electric sheep? de Philip K. Dick**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ROSA, Alyne Marianna Freitas. O SOM DO SILÊNCIO: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA SURDEZ EM JORNADA NAS ESTRELAS. **ARTEFACTUM-Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia**, v. 17, n. 2, 2018.

ZACARIAS, Mônica Costa de Oliveira. **Família e TV: mais que dominação e subordinação**. 2005. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.